



ISSN: 1983-8379

Capão Pecado: Um Romance Folhetinesco além da Indústria Cultural

Giovani Duarte Verazzani¹

RESUMO: Este trabalho objetiva discutir e levantar características folhetinescas no romance *Capão Pecado*, do escritor Ferréz, de maneira que o percebamos como um romance que se preocupa mais em estabelecer uma coerência estética interna do que simplesmente atender às demandas da indústria de bens simbólicos; além de problematizar a concepção social de família através da desconstrução do mito da ideologia familiar proposto por Zizek.

Palavras-chave: Romance-folhetim; Indústria cultural; Ferréz; Sociedade.

ABSTRACT: This paper aims to discuss and lift characteristics of the serial novels in the novel *Capão Pecado*, by Ferréz, so that we perceive as a novel that is concerned more in establish an internal esthetical consistency than simply comply with the demands of the cultural industry; it also aims to discuss the social conception of family through the deconstruction of the myth of the familiar ideology proposed by Zizek.

Key-words: Serial novel; Cultural industry; Ferréz; Society.

Introdução

É indubitável e notável a popularidade do gênero romance-folhetim no Brasil do seu aparecimento nos periódicos nacionais do século XIX, a partir da influência francesa. Pesquisadores do assunto, como Tânia Rebelo Costa Serra e Marlyse Meyer, apontam razões diversas para esse alcance popular e retomam a importância desse gênero na formação de toda literatura brasileira, seja na dos autores, seja na do público leitor/receptor. São vários artistas, hoje canônicos da literatura brasileira, que recorreram a tal gênero como forma de se tornarem conhecidos e, dessa forma, conseguirem seus respectivos lugares na cena literária de suas épocas, como Aloísio Azevedo, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis e Manuel Antônio de Almeida.

Anos se passaram e a técnica de publicação dos romances em fatias nos jornais já não acontece, mas algumas técnicas de composição folhetinescas perduram, ainda que com

¹Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora



ISSN: 1983-8379

roupagens diferenciadas, modernizadas e adequadas ao contexto. Com o desenvolvimento de uma indústria cultural no início do século XX, então, é que esse gênero vai alimentar o mercado editorial, inovando em vários aspectos, mas mantendo características que nos permitem identificar como sendo do folhetim. Talvez as tão famosas “sagas”, como *Crepúsculo*, *Harry Potter*, etc. possam se assemelhar a essa publicação fascículos, já que cada livro dessas séries é uma espécie de continuação do anterior.

De qualquer forma, o que nos interessa aqui é a estrutura narrativa do referido gênero, que atravessou o século XIX e continua, ainda hoje, presente em romances e novelas brasileiras (fotonovela, rádionovela e telenovela). É o caso do primeiro romance lançado por Ferréz, *Capão Pecado*, cujo alcance superou as expectativas do próprio autor, que procurava atingir inicialmente um público específico: habitantes de periferias dos grandes centros urbanos. A obra saiu da periferia onde circulava e chegou à classe média e suas respectivas esferas de circulação de bens culturais, esgotando a primeira edição de três mil exemplares em apenas dois meses.

O presente trabalho se ocupará de buscar, nessa narrativa de Ferréz, as características que a aproximam do gênero romance-folhetim, como forma de justificar sua grande aceitação, seja pelo público ao qual a obra foi inicialmente destinada, seja pelo público consumidor frequente de literatura e, conseqüentemente, pelo mercado editorial; assim como observar as estratégias narrativas utilizadas pelo escritor para que o romance vá além da inserção na indústria cultural, proporcionando uma leitura crítica e politizada da realidade na qual o escritor está inserido, ao desconstruir o “mito familiar da ideologia” (ZIZEK, 2011), pautado na concepção burguesa de família e sugerir uma concepção mais coletivizada, cooperativa.

Além disso, ver-se-á como o autor, a partir de sua inserção na indústria cultural brasileira através do mercado de bens simbólicos, aproveita-se disso para lançar outros projetos que valorizem e divulguem a arte e cultura que emana e (s)urge nas periferias.

1. O romance e o público: Uma relação contraditória.

Capão Pecado, primeiro romance de Ferréz e segunda obra publicada, saiu em 2000 pela editora Labortexto e foi um fenômeno de vendas, esgotando-se em apenas dois meses. Já

2



ISSN: 1983-8379

seu primeiro livro, *Fortaleza da Desilusão*, lançado em 1997 e patrocinado pela empresa na qual trabalhava, é uma obra poética e não obteve a mesma repercussão que o romance, mas é um trabalho que levou o escritor a repensar sua arte e o modo de fazê-la, por que fazê-la, para quem fazê-la, etc.

No lançamento de *Fortaleza da Desilusão*, composto predominantemente por poesias concretas, Ferréz, morador do bairro Capão Redondo, convidou uns poucos amigos e familiares também habitantes do mesmo espaço, ou espaços semelhantes, para prestigiá-lo. Ao ver seus amigos adquirindo alguns exemplares como forma de ajudá-lo a começar sua carreira como escritor, começou a refletir na pertinência que essa obra teria para os seus semelhantes. Segundo Ferréz, ele não via um motivo de se fazer poesia concreta, quando o público e o local, para e sobre o qual falava, não teria como possuir acesso real a sua obra, ou seja, lê-la na sua plenitude². Seria um pouco como a ideia sugerida por Canclini (1998), uma arte com estética vanguardista, modernista, revolucionária, mas que permaneceria com seu verdadeiro acesso restrito a poucos privilegiados, como o público com tradição literária e poucos acadêmicos.

A partir do contato com a cultura hip-hop, o rap mais especificamente, que fala a linguagem do jovem da periferia de forma direta, o autor começa a traçar direções para que suas obras tenham um maior alcance local, ou seja, para que elas possam circular efetivamente nos espaços onde surgem suas enunciações. Dessa forma, começa a tomar corpo seu projeto de literatura com o romance *Capão Pecado*, buscando uma linguagem e gênero que mais se aproximavam do público com o qual dialogava, ou procurava dialogar.

Ao analisar os aspectos formais e estruturais da narrativa contida em *Capão Pecado*, podem-se encontrar características interessantes para a construção da leitura que ora se apresenta. São vários os elementos que nos levam a inferir o público alvo primeiro da obra. A começar pela espécie de “antidedicatória”, um recado, uma mensagem que o autor direciona a quem provavelmente ignoraria o livro, ou desdenhasse do mesmo por possuir a periferia como sua matéria-prima, pouco antes de iniciar a primeira parte do livro: “‘Querido sistema’, você pode até não ler, mas tudo bem, pelo menos viu a capa.” (FERRÉZ, 2005).

² DVD *Literatura e Resistência*, documentário pessoal, produzido por Ferréz, 2009.



ISSN: 1983-8379

A palavra “sistema”, aqui, possui um estatuto de “poder”; um símbolo daquele que detém o poder e dele lança mão para legitimar e/ou estigmatizar os discursos e produções artísticas e culturais diversas da sociedade e suas classes/grupos; as instâncias legitimadoras dos discursos. O que interessa ressaltar, e é relevante para a análise em questão, é a pressuposição feita pelo autor sobre essas instâncias legitimadoras de discursos. Com essa enunciação no início do romance, o autor nos revela sua expectativa em relação à recepção da obra e, ao mesmo tempo, fica implícito que seu público-alvo não pertence a essas instâncias ou tenha qualquer afinidade com elas.

Outro elemento revelador do público-alvo primeiro da obra são os textos de rappers e MC’s da periferia que servem de abertura para cada parte do romance. É como se o autor se ausentasse para que esses artistas exponham algumas letras de rap, pensamentos, reflexões para o público da obra. Garret, Outreversão e Negredo são alguns nomes que assinam esses textos, com vocabulário, expressões e gírias próprias das periferias de São Paulo, reforçando, mais uma vez, o destinatário dos mesmos. Além disso, há outros elementos ao longo da narrativa que apontam para o público desejado da obra: linguagem mesclada de português padrão, não padrão, gírias; ambientação do enredo em Capão Redondo; costumes e padrões comportamentais do local;

Entretanto, mesmo reforçando o aspecto local como forma de atingir o público-alvo desejado, a obra ganha destaque fora da periferia, esgotam-se os dois mil exemplares em apenas dois meses, já está na 4ª edição, além de ter sido adaptado e exportado para Portugal. Dessa forma, Ferréz se insere no mercado editorial e, concomitantemente, na indústria cultural. Como explicar tamanho alcance de público com uma obra pensada e idealizada a partir/para a periferia? Seriam somente as cenas de violência, as ações criminosas, o retrato da periferia desconhecida da classe média, os responsáveis pelo sucesso do livro? Talvez. Mas mais significativo seria percebermos estas características inseridas num gênero mais específico da literatura, apropriado pela indústria cultural do século XX, adaptado e difundido através dos mais variados meios: o folhetim.

2. O romance e o mercado: Aspectos folhetinescos.



ISSN: 1983-8379

O folhetim foi o primeiro gênero literário a se inserir na indústria cultural que despontava no início do capitalismo industrial. Tanto na França quanto no Brasil, o gênero foi um fenômeno e, pode-se dizer, foi um elemento significativo para a construção da literatura brasileira. Tanto é que autores hoje canônicos iniciaram suas carreiras publicando no famigerado gênero, ou mesmo se inseriram na cena literária depois de algumas publicações em periódicos.

Desde o seu surgimento no século XVIII até os dias atuais, o folhetim passou por diversas fases e modos de publicação, divulgação, circulação; mas seu objetivo fundamental continua a ser o mesmo: divertir e entreter o público leitor/ouvinte/espectador, embora este não fosse o único objetivo. Autores como Eugéne Sue, por exemplo, impunham uma escrita com forte cunho político, enfatizando as condições desumanas em que viviam os operários da época.

De todo modo, ainda que se modifiquem as técnicas de produção e circulação, as inovações tecnológicas, os temas abordados, a estrutura característica nos permite levantar, nas produções culturais atuais, traços que se assemelham a algumas técnicas utilizadas pelos folhetinistas. E talvez seja por estes traços que o romance *Capão Pecado* tenha alcançado um grande público.

2.2. Entrando na Indústria Cultural.

Em sua obra que procura explorar o folhetim em sua totalidade, Marlyse Meyer (1996), no capítulo em que aborda as “tramas e tretas dos ‘romances da vítima’”, elenca algumas dessas tramas comuns ao gênero e ressalta que:

É tão extensa a gama de estereótipos multiplicados numa tentacular combinatória de situações, e tantos os romances de tantos e tão prolíficos autores a desenvolvê-las, que é obviamente impossível abordá-la toda, e tornam-se difíceis grandes generalizações. (MEYER, 1996, p. 242)



ISSN: 1983-8379

Essa dificuldade descrita por Meyer (1996) ainda se torna mais elevada quando transportamos essas generalizações para produções contemporâneas deste século XXI, pois as transformações históricas, sociais, políticas, tecnológicas etc. ampliam a possibilidade de construção e arranjo do velho modelo folhetinesco. No entanto, levantar-se-á alguns desses aspectos no romance *Capão Pecado*.

A começar pelo enredo do romance, poder-se-ia dizer que é um folhetim. Rael, protagonista, se apaixona e se envolve com Paula, namorada de seu melhor amigo Matcherros. Levando em conta o ambiente peculiar em que essa trama se desenvolve (uma periferia paulistana), a história ganha aquele toque de suspense, uma vez que pelo código de conduta particular da periferia, isso significaria morte, tragédia. Tem-se aqui um elemento típico das narrativas folhetinescas: o adultério; no nosso caso, uma dupla traição. Matcherros é traído tanto pela companheira quanto pelo melhor amigo, endossando a “gravidade” da situação.

Além disso, o protagonista é a típica vítima heroicizada da narrativa. Com um pai alcoólatra e vivendo em péssimas condições na favela, Rael busca alternativas para “vencer na vida”: estuda, trabalha, não se envolve com drogas e com o crime e busca construir uma família diferente da que ele tem. Rael é o estereótipo do “bom moço” que, embora possua algum senso crítico, corresponde aos padrões de comportamento esperado pela sociedade em que vive. Isso tudo somado a sua condição de protagonista faz com que o leitor simpatize-se e comova-se com as metas desse personagem.

Outro aspecto folhetinesco presente no romance é a criminalidade, que permeia toda a narrativa, seja através do personagem Burgos, criminoso “sangue nos olhos”, que não mede esforços para adquirir poder e respeito na favela, seja através dos amigos de Rael: Marquinhos, China e Mixaria, usuários de drogas; além de alguns policiais corruptos que aparecem rapidamente negociando com burgos. Tudo isso faz com que a narrativa ganhe o tom de suspense inerente ao gosto folhetinesco.

2.3. Além da Indústria Cultural.



ISSN: 1983-8379

Quando se leva em conta os aspectos listados acima, percebe-se que *Capão Pecado* tem alguns requisitos básicos para se adequar e se inserir no mercado editorial. Entretanto, numa leitura mais atenta e menos inocente, é possível que o romance suscite reflexões mais produtivas, que podem nos escapar caso limitemo-nos a sua mera inserção na indústria cultural.

A posição do narrador sob a perspectiva do protagonista Rael nos leva, automaticamente, a acreditar num possível desfecho feliz, satisfazendo, assim, o gosto do leitor mediano. Todavia, o desfecho se mostra trágico quando Rael é abandonado pela companheira (Paula) e o filho, que vão viver com o chefe da metalúrgica onde Rael trabalha. A traição da companheira enlouquece o protagonista, que arma um assalto com Burgos para que ele, Rael, mate o patrão e exerça a defesa da honra. Mas, ao contrário do magistrado do conto machadiano, *A Cartomante*, Rael é um cidadão comum, pobre, morador da periferia, e não escapa incólume do ato trágico. Uma testemunha o denuncia e ele vai preso. Já no cárcere, o que era trágico se torna ainda mais trágico quando, a mando de Burgos, um companheiro de cela introduz uma caneta no ouvido de Rael, eliminando-o rapidamente, pois, enquanto o protagonista eliminava seu antigo chefe, Burgos adiantava o seu lado, levando o conteúdo do cofre da metalúrgica. Rael, então, era cúmplice e testemunha do roubo, logo devia ser eliminado.

Um desfecho infeliz e trágico como esse pode parecer estranho, desesperançoso e pessimista para um leitor médio. Mas Ferréz é absolutamente coerente quando levamos em conta o desfecho trágico dos outros personagens: Burgos, iludido com o crime, é morto; Mixaria e China, iludidos com o abuso no consumo de entorpecentes, enlouquecem-se, enquanto os policiais corruptos mantêm a engrenagem do crime em funcionamento, repassando as armas apreendidas com Burgos para outros criminosos. Rael também é um iludido, mas por uma ideologia mais sutil presente na sociedade, o que o filósofo Slavoj Zizek (2011) chama de “mito da ideologia familiar”. Rael acredita numa felicidade através do amor na concepção da família burguesa, tão difundido em folhetins diversos, principalmente nas telenovelas brasileiras, todas terminando em casamentos e “vivendo felizes para sempre”.

O romance encerra-se com o narrador saindo de cena após a descrição dos trágicos desfechos e com um diálogo entre personagens anônimos, comentando sobre suas vidas e o

7



ISSN: 1983-8379

Matcheros, o amigo traído. Este sobrevive e parece abrir uma microempresa, o que os interlocutores chama de “firminha”, empregando e ajudando os companheiros de “quebrada”.

Pouco, ou quase nada, se sabe sobre este personagem, uma vez que o narrador se ausenta da sua perspectiva. O tempo todo, o narrador conduz seu leitor atrás de Rael e seus encontros furtivos com a amante, e nunca se coloca sob a perspectiva do amigo traído. No entanto, ele é um dos poucos sobreviventes que resistem à dura realidade de Capão Redondo, encontrando uma alternativa diferente.

Conclusão

O trabalho que ora se apresenta buscou uma identificação do romance *Capão Pecado* com algumas características dos romances-folhetim, como forma de justificar seu alcance de público e sua inserção na indústria cultural. Buscando atingir um determinado público-alvo, Ferréz acaba alargando seus horizontes de expectativas, uma vez que muitos artifícios utilizados correspondem àquela fórmula clássica do gênero folhetim, que permanece na sociedade e angaria leitores/ouvintes/espectadores desde o século XVIII até os dias atuais.

Viu-se, também, como a obra em análise ultrapassa a simples inserção no mercado editorial e o mero registro documental da realidade da periferia, quando Ferréz elimina o protagonista, perdido na ilusão do mito da ideologia familiar, dando coerência à narrativa e a sua proposta artística da literatura como resistência cultural.

Ao observar tais fatos narrativos, pode-se concluir que o pecado do protagonista Rael está menos no fato de se apaixonar pela namorada do amigo, do que se perder no mito da família burguesa e no amor como forma de escape da realidade cruel em que vive. Além disso, somos levados a indagar: qual seria, então, o herói da narrativa? Embora protagonista, Rael está longe de sê-lo. Matcheros, como sobrevivente dessa mesma realidade, tem mais condições de exercer essa função do que o amigo iludido.



ISSN: 1983-8379

Referências

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. “A Indústria Cultural o Iluminismo como mistificação das massas”. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. – 7ª Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BENJAMIN, Walter. “A obra de Arte na época de sua reprodutibilidade técnica.” In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e história da cultura*. – 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. – 2. Ed. – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2005.

MEYER, Marlyse. “Frívolos Livros”. In: _____. *Folhetim: Uma história*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SERRA, Tania Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)*. – Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

ZIZEK, Slavoj. “O Mito Familiar da Ideologia”. In: _____. *Em Defesa das Causas Perdidas*. Trad. Maria Beatriz de Medina. – São Paulo : Boitempo, 2011.

Referências digitais e eletrônicas:

FERRÉZ e Literatura Marginal apresenta DVD *Literatura e Resistência*. 2009

<<http://www.redebrasilatual.com.br/jornais/jba-sao-paulo/entrevista-ferrez-o-artista-do-capao-redondo>> acesso em 20 de dezembro de 2011



ISSN: 1983-8379

<http://www.pacc.ufrj.br/literatura/entrevistas/entrevista_ferrez.php> acesso em 18 de dezembro de 2011

<<http://ferrez.blogspot.com/2005/09/entrevista-do-blog-suburbano-convicto.html>> acesso em 10 de janeiro de 2012.

<<http://www.portalliteral.com.br/banco/video/entrevista-com-ferrez-antidoto>> acesso em 12 de janeiro de 2012.

<<http://www.portalliteral.com.br/artigos/do-capao-para-o-mundo>> acesso em 12 de janeiro de 2012.

<<http://www.portalliteral.com.br/artigos/intelectuais-x-marginais>> acesso em 12 de janeiro de 2012.